

O NOVO EDIFÍCIO O INÍCIO DA CIDADE DE LETRAS NA CIDADE UNIVERSITÁRIA



Agenda ACADÊMICA



Calendário Académico
Início das Aulas
14 de Setembro de 2026

Lisboa de amor e armas (pai, eu não quero ser um poema) p.10

“Com o teor ameaçador dos combustíveis, queimámo-nos em amores pequenos, já em janeiro dizias palhaçadas vermelha, foda-se Lisboa por estares bonita num dia destes. Como se pudéssemos ser tão felizes como num verão, mais quentes, eu de frases, tu às vezes falas também, (...)”

Estudo 556: Frigus p.14

“Algumas horas mais tarde Frigus despertou no seu quarto. De imediato, as suas memórias do acontecimento regressaram à sua mente e ele suspirou. Porque é que tinha reagido daquela forma? Ele não sabia. A única coisa da qual se lembrava era do sentimento de que deveria proteger aquela menina. “Quem era ela? E porque é que me senti assim?”, pensou e fechou novamente os olhos decidido a não mexer o corpo, que doía ainda com as lembranças do choque.”



Locais para Amantes de Música em Lisboa

Autoria: Carson e Natacha Vieira
Edição: Margarida Martins

1 Casa Capitão

Localizada no Beato, a Casa Capitão é um espaço cultural cuja programação, multidisciplinar e abrangente, inclui exposições, workshops, etc., como também diversos eventos musicais – DJ Sets, jam sessions e concertos imperdíveis de artistas locais e underground.

2 Flur

Situada no Mercado de Arroios, esta loja de discos oferece uma grande variedade de música – alternativa, independente, clássicos de várias eras, etc. –, toda esta escolhida cuidadosamente pelo staff. Aqui, não só irás descobrir novos artistas, como também conhecer pessoas com gostos semelhantes aos teus, tornando-a, assim, o sítio ideal para amantes de música.

3 Parreirinha de Alfama

Aberta há mais de 60 anos em Alfama, esta Casa de Fado é ideal para amantes de música portuguesa. Aqui, não só é possível ouvir fadistas excepcionais, como também desfrutar do melhor da gastronomia portuguesa (incluindo opções vegetarianas!), tudo num local historicamente rico.

4 Tokyo Bar

Presente no Cais do Sodré há mais de 40 anos, este bar é casa à atuação de artistas já estabelecidos, bem como de músicos emergentes, surge-te assim oportunidade de novas descobertas e torna a tua experiência única.

5 Tubitek

Localizada na Baixa Chiado, a Tubitek é, sem dúvida, uma das melhores lojas de discos de Lisboa. Apresentando uma grande seleção de vinis e organiza eventos musicais regularmente. Imperdível para qualquer amante de música.

O NOVO EDIFÍCIO O INÍCIO DA CIDADE DE LETRAS NA CIDADE UNIVERSITÁRIA

Equipa de Reportagem:

Laura Prezzi, Margarida Henriques, Rita Coelho, Beatriz Brito e Ana Reis

Edição: Catarina Casal



O Jornal *O Cola* pretende vir atenuar a curiosidade da comunidade de Letras com tudo o que quiserás talvez saber sobre o novo edifício. O que significa este novo edifício para os estudantes de Letras da Universidade de Lisboa? O que irá mudar com o acrescento deste edifício?

Antes de apresentar todos os benefícios instantâneos que este novo edifício trará à comunidade de Letras, tanto para os estudantes quanto para os docentes e funcionários, é importante deixar claro que este edifício é o início de uma grande evolução na crescente e importante área de Letras, cujo novo mundo será construído na Cidade Universitária.

À conversa com o Professor Doutor Hermenegildo Fernandes, Diretor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL), foram obtidas as esperadas informações sobre este projeto — que vai além de um novo edifício e representará uma nova era.

O nome do novo edifício continua em segredo, a ser revelado mais tarde, provavelmente aquando da sua abertura. Quanto à inauguração, aguarda-se ainda a confirmação oficial, mas é possível prever a conclusão das empreitadas já para o final de maio, restando apenas “limar algumas arestas”. Espera-se que a abertura do edifício se dê no início do próximo ano letivo (2026-27). Este marco dará início a uma nova dinâmica de aulas distribuídas pelos vários blocos, bem como à implementação de reestruturações que prometem melhorar a faculdade como um todo. Estas renovações poderão consolidar a posição da FLUL como uma instituição de prestígio internacional, dotada de instalações mais vastas e modernas — mas esta transição exige uma nova organização e levanta ainda muitas perguntas.

Na entrevista com o Professor Doutor Hermenegildo Fernandes que, desde já, agradecemos, com muito respeito, a oportunidade e a disponibilidade para esta reportagem, foram feitas algumas perguntas acerca do novo edifício e reformas no atual (Edifício Pardal Monteiro), às quais o Professor respondeu o seguinte: “Vai haver também uma Sala de Atos [no Edifício Pardal Monteiro]. [...] Essa vai ser a nossa [prioridade] depois [da construção] do novo edifício. [...] Já temos o projeto de arquitetura. Temos até um orçamento.” Sobre esta nova Sala de Atos, o Diretor da FLUL confirmou que a sua localização será o que corresponde hoje ao Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (ICLP) e abrangerá a área atual do Pátio Grego.

Segundo o entrevistado, a futura Sala de Atos “vai ser um Anfiteatro com 100 lugares, com uma antecâmara e com uma sala de reuniões atrás, para o júri [...]”, pensada, centralmente, para os cursos de Doutoramento e Mestrado e, nomeadamente, para os atos de defesa de dissertações e teses, que atualmente decorrem em modo *online*. Esta obra está pensada simultaneamente para a recuperação do Pátio Grego, que se encontra, de momento, inacessível e “desperdiçada”, nas palavras do Diretor. Para o Professor Doutor Hermenegildo Fernandes, isto é motivo de lamento, uma vez que o espaço havia sido originalmente pensado para apresentações teatrais: “Gostaria também que o teatro voltasse a ser dinamizado”, diz, uma vez que a faculdade tem, atualmente, dois grupos de teatro no ativo. O Professor menciona também um segundo lugar para apresentar teatro — o Anfiteatro I, que já tem a estrutura para o mesmo: “[...] O Anfiteatro I tem camarins atrás e uma estrutura de palco com ponto instalada para se fazer teatro”. Relembra ainda que, há muito tempo, nos anos 60, grandes companhias de teatro atuavam lá, como a *Cornucópia* (criada por ex-alunos da Faculdade de Letras).

Quando questionado acerca da quantidade de salas de aula no novo edifício, o Diretor da FLUL respondeu que haverá “25 salas de aula novas”, mas que poderá haver mais salas no atual edifício Pardal Monteiro devido à transposição de gabinetes de professores para o novo edifício. As novas salas terão a lotação aproximada de 1000 alunos — o que o Professor Doutor Hermenegildo Fernandes crê que fará “toda a diferença”. Sobre as reformas no edifício Pardal Monteiro, o Professor referiu

que as salas no segundo andar, que ficam na direção da Alameda da Cidade Universitária, voltarão a ter a antiga capacidade de lugares para 100 alunos cada uma, uma vez que são necessárias para aulas. O novo edifício contará com um espaço convertível: duas salas de aula separadas por portas que podem ser transformadas numa só e que terão também espaço para 100 alunos, o que, no fundo, está arquitetado para complementar os anfiteatros já existentes — estruturas que também já foram reabilitadas e que, agora, estão devidamente funcionais e apresentáveis.

Muito provavelmente, qualquer aluno já terá estado num dos Anfiteatros III ou IV num dia quente e sentiu o desconforto causado pela má climatização desses espaços. Esta preocupação não foi esquecida pelo Diretor, que afirma ter como prioridade a implementação de um sistema de ar condicionado na área, a fim de tornar a sua utilização mais confortável. Outro problema levantado foi o ruído sentido dentro do Anfiteatro II, de que o entrevistado também se queixa. Contudo, para já, não há um plano completamente definido para contornar a situação, ainda que o Professor Doutor Hermenegildo Fernandes tenha sugerido, desde logo, algumas formas de atenuar esta situação.

O Diretor da Faculdade referiu ainda a questão da sinalética de orientação entre edifícios (uma vez que, com a inauguração do novo edifício, a FLUL contará com quatro estruturas), que, neste momento, é praticamente nula. O Professor disse haver trabalho a fazer nesta matéria: “[...] Tem de haver plantas [...] [e] sinalética, que possa[m] ser compreensív[e]is imediatamente para alunos que estão aqui [pela primeira vez, no] primeiro ano”.

No que diz respeito à ligação entre o edifício principal e a biblioteca, o Professor foi questionado se este caminho seria modificado, respondendo que “é uma obra de fundo” [com um orçamento elevado]. Disse ainda que “quando for feita, vai ter uma grande afetação nas atividades da faculdade. Portanto, vai ter de ser feita no [período do] verão e vai ter de ser feita quando tivermos [o averbamento necessário à sua execução]”.

Quando questionado acerca do futuro para o alcatroado, o Professor respondeu que “o alcatroado, na perceção que nós temos, vai deixar de ser um alcatroado [ainda sem promessas imediatas]” e que a sua ideia é transformá-lo numa praça mais elegante, tal como a que se encontra em frente à Reitoria.

O Diretor revelou ainda que quer apostar na construção de espaços abertos e verdes, como uma “microfloresta”, para haver um investimento na “vida ao ar livre” dentro da faculdade. Reforça a ideia de que o alcatroado é uma extensão dos espaços de estar dos alunos e que é da decisão dos alunos o que fazer com essa extensão. Assim, a mudança será na Faculdade como um todo e não só nos edifícios. “A ideia é que a faculdade seja composta não só pelo edificado, mas também pelos interstícios entre o edificado”, reforça o Professor.

Sobre as reformas estruturais para espaços como o dos Fazedores de Letras (antiga “Crespo”), que Hermenegildo Fernandes descreve como uma “calamidade” na situação atual, e o da Associação de Estudantes, o Diretor respondeu que as intervenções funcionarão como uma “espécie de *tétris*”. Isto porque uma pequena intervenção num lado leva, como uma reação em cadeia, a que outra seja necessária noutra sítio. O Diretor deu como exemplo o Pátio Árabe, localizado na entrada da faculdade, de onde vêm as infiltrações na sala da AEFLUL.

Ao ser interrogado acerca de novos espaços de lazer no novo edifício, o Professor Doutor Hermenegildo Fernandes disse que o espaço havia sido “maximizado” para a construção de diversas salas de aula, mas o programa de construção, desenhado pelos arquitetos responsáveis, poderia ser alterado. Relacionado a este assunto, o Professor mencionou um futuro espaço de lazer, que descreveu em seguida: “[...] [É] um pátio muito grande. Tem bancos, tem essas coisas todas. E tem alpendres, tem sítios onde podem estar à sombra”.

A arquitetura do novo edifício, segundo o Diretor, não será “monumental” como a do edifício Pardal Monteiro. O Professor revela que o primeiro piso do edifício será dedicado a gabinetes de professores e o terceiro andar terá espaços de diferentes instituições que colaboram com a Faculdade. Hermenegildo Fernandes justifica a arquitetura modesta do edifício com a falta de recursos financeiros, lembrando que o edifício Pardal Monteiro foi construído na década de 50 do século passado, quando o país ainda se encontrava sob o regime ditatorial.

Foi ainda tema a segurança da faculdade, que, do ponto de vista do Diretor, deve ser reforçada, uma vez que se passará a ter de policiar um novo edifício, localizado numa zona com especial acesso ao parque de estacionamento, o que, no passado, gerou

alguma insegurança.

Concluindo o tema da segurança, o Professor afirmou que não acredita que a adição do novo edifício trará dificuldades para pessoas com acessibilidade reduzida, pois seguem todas as normas de acessibilidade e possuem tanto elevadores como rampas de acesso.

Segundo o Professor Doutor Hermenegildo Fernandes, “a prioridade é terminar o edifício [novo, que está na reta final] [...] e depois começar a executar as obras no Edifício Pardal Monteiro, [sendo a] prioridade máxima dessas obras [...] a Sala de Atos porque é uma coisa que diz respeito a uma parte muito importante da comunidade e, nomeadamente, aos alunos de Mestrado e de Doutoramento, que têm que ter também a sua atenção específica. [...] A intervenção no edifício dos Anfiteatros e da Biblioteca está agendada para ser posterior à intervenção no Pardal Monteiro.”

O Diretor garante que, com o novo edifício, os centros que se situam na Biblioteca passarão a ser depósitos para que todo o edifício seja usado para sustentar a Biblioteca, que é a maior biblioteca universitária do país. Contudo, o Professor assegura que tanto as salas do American Corner como as salas de conferências continuarão a ter a mesma utilidade, pois confessa que “[...] a faculdade gastou muito dinheiro [...] a transformar essas salas em salas de conferências e de seminário”. São espaços que se pretende manter, visto que as suas condições e equipamento são muito úteis para colóquios de pequena dimensão.

O Professor Doutor Hermenegildo Fernandes acaba ao mencionar que “[...] A palavra de ordem aqui é recodificar [...]. Recodificar e repor”, acrescentando que a arquitetura, apesar de desgastada, é muito boa e que existem muitas estruturas da Faculdade com um grande potencial. Ao terminar a entrevista, o Diretor declara que “há coisas a que estamos a assistir e a colaborar, que estão a ser feitas e que não são feitas para nós [...] [porque] cada geração faz coisas que [se] vão [...] repercutir nas gerações imediatas”. Ao concluir a entrevista, o Jornal O Cola passou a entender melhor a evolução veloz que se aproxima do mundo de Letras e o quão simbólico é para a comunidade que representamos. Expressamos, uma vez mais, o nosso profundo agradecimento ao Diretor pelo seu empenho e cuidado. A sua vontade de expandir a Faculdade de Letras reflete um compromisso claro: criar uma instituição melhor não só para nós, mas também para todas as gerações futuras.

Agenda ACADÉMICA

Queres envolver-te no espírito académico?

Nesta **Agenda Académica** encontras conferências, concertos, sessões de leitura, palestras e iniciativas estudantis que decorrem na Universidade de Lisboa e na Faculdade de Letras

**QUEIMA
DAS
FITAS** 2025
2026 **AEFLUL** 

VEM
QUEIMAR A
TUA FITA!

Queima das Fitas 2026

És finalista? Então prepara-te para a tua festa e muitos parabéns! Se não, junta-te aos teus colegas e festeja.

A Queima das Fitas da FLUL marca no dia 23 de maio.

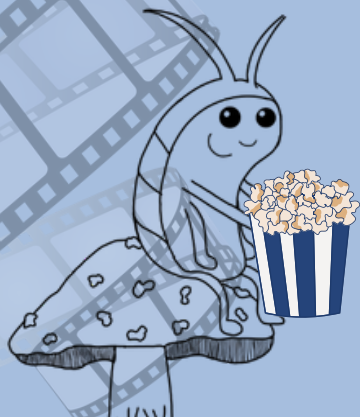
Feira do Livro de Lisboa

A feira mais esperada pelos alunos de Letras aproxima-se. A Feira do Livro De Lisboa regressa ao Parque Eduardo VII no dia 27 de maio até ao dia 14 de junho.



Cinema ao Ar Livre

Neste verão aproveita o bom tempo e tem um bom tempo a ver filmes ao ar livre. Aqui tens algumas opções: CineSociety; Black Cat Cinema; CineConchas e CineCapitólio Rooftop.



Aqui encontra uma seleção diversificada de iniciativas académicas e culturais, como conferências, concertos, palestras, sessões de leitura e eventos estudantis, que estimulam o pensamento crítico, a criatividade e a participação cívica da comunidade académica. Para mais informações, consulta a secção **Agenda** dos sites da Universidade de Lisboa e da Faculdade de Letras.

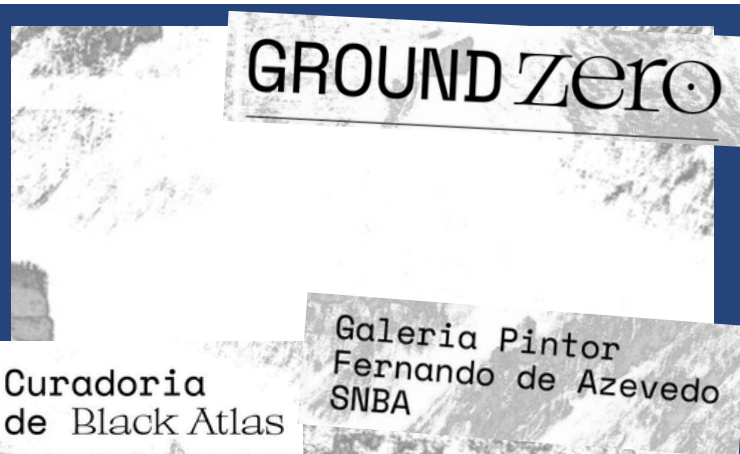


Terra Poética

Anna Maria Maiolino – Terra Poética apresenta no MAAT – Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia uma seleção de obras que atravessam várias décadas da produção da artista ítalo-brasileira, explorando a relação entre corpo, matéria e memória. A exposição destaca esculturas em argila criadas no local, propondo uma experiência sensorial e poética sobre transformação e permanência.

Ground Zero

Ground Zero reúne artistas portugueses e residentes em Portugal numa exposição coletiva que cruza instalações, desenho, fotografia e escultura para refletir sobre identidade, memória e ecologia. Partindo da relação entre corpo, território e paisagem, a mostra propõe uma leitura crítica e sensível sobre transformação, pertença e novos começos. Até 30 de maio na Sociedade Nacional de Belas-Artes.



Santos Populares

Como sempre para receber o verão conhece as ruas e ruelas do coração de Lisboa nestes Santos Populares em Junho. Come sardinhas no pão e bebe cerveja enquanto ouves música tradicional portuguesa.

Sentido Perdido

Autoria: Clara Osswald
Edição: Lourenço Ramos

Hoje finalmente encontrei
O meu sentido perdido.
A minha mente partida
Em pedaços equivocados,
Estilhaçados, sou palhaço
De circo com esta roupa.
Este corpo fora do sítio,
As minhas piadas sem graça,
Personalidade de farsa,
Vontade, não vontade
De me levantar e dizer Olá.

Ontem estava a andar
A imitar o meu passo,
O passo do passado.
Fiquei sem fôlego
Este fogo em mim
Tão apagado, é inverno.
Não faz frio nem calor
Neste espaço tão cinzento
Que é o fundo da minha alma.
Perdida, sem sentido,
O meu sentido perdido.

Pele

Autoria: Beatriz Brito
Edição: Sara Coelho

Porque é que a pele é tão atraente?
A sensação de estar coberto é assustadora.
Gostava de ter nascido com uma alma — apenas.

A pele é lindíssima, mas não assim tanto.
É como um péssimo negócio — leve dois, pague três.
Mas é apenas uma preferência.

Eu prefiro pagar por mais e receber menos.
Por que sou amado,
Por que sou tolo.

Porque é que as pessoas não podem pagar o preço?
Porque é que não podes pagar dois e levar dois?

É um pedaço de carne. Com pele.
Não quer dizer que sejamos tão irrelevantes como...
Porcos ou vacas.

Não, não, não.
Não podes dizer isso — má mulher! Má mulher!
Apenas os homens podem dizer isso.

Ter controlo do teu nome, do corpo —
Eles pagaram mais do que deviam.
Isso faz com que sejam — idiotas.

Mas com um conjunto de pele.
Tu? Nem a tua pele podes chamar de tua.

Gostaria de ter nascido com uma alma.
Quando eu voltar...
Por favor, dá-me uma alma — apenas uma alma.

A um poeta

Autoria: Rita Coelho
Edição: Laura Santos

No avesso da Terra,
Há um rapaz que não dorme
Porque o não deixam dormir
Os terrores da guerra.

No genocídio, na morte,
Na vida que aí cessa,
Pergunta-se:
O que haverá que o
console?
Responde-se:
Haverá um poeta.

Na vazia e devastada Gaza,
Que paz procura, sedenta,
Naquele nefasto nada,
Encontrar-se-á um poeta.

Marulho ao Tejo

Autoria: Mar
Edição: Zahra Sacoor

Uma estação acaba, outra começa. Simples.
Inverno, primavera, verão e outono. Claro.
Pragal, Ponte, Campolide. Sem dúvida.
Seremos nós, a estação ou um apeadeiro,
destruídos, mas existentes, com esperança.
Somos aquele pedacinho caloroso e breve do
Alvito, nada acontece lá fora, e é um sonho de
febre real. Aqui, todas as agulhas se dobram e
reerguem.

NOCAE

Estás com algum tipo de dificuldade? Procuras emprego e atividades? Procura pelo Núcleo de Orientação de Carreira e Apoio ao Estudante. Saúde e Bem-Estar; Voluntariado; Bolsas; Feiras de Emprego e muito mais acolhimento. Conhece-os na Sala A003.O, zona dos Serviços, piso 0; no instagram @letrasnocae ou no email nocae@letras.ulisboa.pt.

Lisboa de amor e armas

(pai, eu não quero ser um poema)

Autoria: Manuel Mendes Rodrigues
Edição: Eva Luna

Por não sabermos onde pôr as novas cores do litoral,
entre as brumas da memória e o novo hino nacional,
o meu amor ao papel ganha um aumento no orçamento,
mas percebe: já não temos tanto tempo.

Entre as brumas da memória,
o meu amigo viu-se cansado,
por não se embelezar ao novo hino nacional,
foi posto na parede pela mulher da grande Europa,
que às suas necessidades adiciona mais uma ou outra.

A morte dos arquétipos está a pesar-me nas costas,
deixem-nos aqui cansados de já nos terem mencionado,
que voltem os atentados dos homens cansados,
aqui, melhores em fotografias.

Tô carente de que me caem as paredes dum mundo,
um de paredes, certo,
a que se aguenta faz caretas,
mas consegue dizer-me que vai ficar tudo bem,
isso é bom em setembro, antes dos frios do fim do mundo.

Com o teor ameaçador dos combustíveis,
queimámo-nos em amores pequenos,
já em janeiro dizias palhaçadas vermelha,
foda-se Lisboa por estares bonita num dia destes.

Como se pudéssemos ser tão felizes como num verão, mais quentes,
eu de frases,
tu às vezes falas também,
eles ficaram confusos e tiveram de ir beber água,
fizeram-no e bem.

Estamos aqui,
eu como e danço aos fins de semana,
tu amar-me-ás.

Até meto por lá aquelas frases em francês para um amor de vida,
as que aqui, *en portugais*, cansam-se e dividem o jantar:
quinze para cada na cidade das águas,
águas de dois euros e poluição,
de bêbados tristes,
drogados, algures,
licenciados confusos.
Lisboa de amor e armas.
Não querendo ser um poema.
Isto tudo para não sermos poemas.

Donzela Guerreira

Autoria: Ana Reis

Edição: Alexander Piffer Sgaria

Numa tarde como qualquer outra, nem muito fria nem muito quente, sete irmãs bordavam e costuravam calmamente.

— Acabou-se-me o fio verde. Alguém pode buscar mais? — pediu a mais velha.

— Eu posso ir buscar — disse a do meio.

— Traz também o fio dourado, por favor — pediu a mais nova.

Enquanto as jovens donzelas se ocupavam, o seu pai, o Marquês, recebia péssimas notícias.

— Mensagem de El-Rei D. João: a guerra está à porta e são necessários combatentes. Vimos por meio desta convocação pedir que o senhor e todos os seus filhos de idade e capazes se juntem ao exército para a campanha. O reino precisa de vós — anunciou o arauto à porta da casa do Marquês.

— Meu Deus, meu Deus! Ai de mim! Estou velho e cansado para guerrear e não tenho filho que vá no meu lugar. Tenho somente sete belas e prendadas filhas que a minha saudosa esposa me deixou para consolação na velhice, mas não quero que nenhuma delas vá à guerra. Isso não!

Enquanto o arauto anunciava a guerra e o Marquês arquejava e soluçava por não ter filho que lutasse por ele, a filha do meio escutava atentamente das escadas. O seu nobre coração acelerava a cada palavra que ouvia e as lágrimas ameaçavam rolar pelo seu rosto jovem e ebúrneo. Todavia, tomou uma decisão:

— Meu pai, eu irei no vosso lugar!

— Raimunda! Que dizeis?!

— O senhor ouviu. Eu irei para a guerra de D. João no seu lugar. Sei montar e usar a espada, que o senhor mesmo me ensinou.

— Mas, minha filha, quando chegardes ao acampamento e souberem que sois mulher... Nem sei o que farão — disse o pai, com uma lágrima nervosa a escorrer pelo rosto enrugado.

— Ninguém saberá que sou mulher, prometo — respondeu Raimunda.

— Como não? Certamente reconhecer-vos-ão pelos vossos cabelos negros e fartos.

— Corto-os.

— E os vossos peitos?

— Mandarei as costureiras fazerem um

colete que me aperte o coração.

— Mas e vossas mãos formosas e delicadas?

— Calçarei luvas.

— E vossos pés?

— Certamente haverão sapateiros que far-me-ão umas botas.

— Mas, filha, há algo que não podeis esconder: vossos olhos.

— Assim que chegar ao acampamento, tê-lo-ei sempre no chão.

Após a longa negociação, o Marquês assentiu com o pedido da filha.

Ao ouvirem a balbúrdia que se fazia na entrada da casa, as restantes irmãs foram ver o que se passava. Depois de o Marquês e de Raimunda lhes explicarem o que sucedia, as irmãs choraram, temendo a morte da sua mana do meio.

— Nada temam, irmãs! Esta é guerra santa, por Portugal! Deus estará comigo — assegurou Raimunda.

Feitos todos os preparativos para a partida da donzela, o arauto voltou para receber a resposta do Marquês.

— Meu filho irá no meu lugar, que estou velho e cansado para lutar.

— Assim seja, Dom Marquês.

Virando-se para a filha, que já parecia um verdadeiro mancebo, sussurrou:

— Tendes a certeza de que ninguém vos reconhecerá?

— Sim, meu pai.

— Estáveis pronta para, se necessário for, dar a vida pelo reino?

— Sim, meu pai.

— Então ide, minha filha!

— Com a vossa bênção.

— Já tendes a minha bênção desde o dia em que nascestes.

— Obrigada, meu pai. Verá que, com os seus cavalos e armas, me tornarei capitão.

Sonho Acordado

Autoria: Diana Ildfonso
Edição: Margarida Ferreira

Certa noite, enquanto circulava por cada canto à procura da sua ceia, um ratinho do campo deparou-se com um edifício peculiar: um abominável prédio, de vinte andares, feito de queijo¹, composto por amplos buracos. Curioso e faminto, o ratinho aproximou-se da sua boa fortuna. Enquanto saboreava o queijo que integrava a parede do primeiro andar, começou a ouvir grunhidos descontentes. Inquieto, decidiu espreitar por um dos buraquinhos arquitetónicos e, discretamente, observou a discussão de um casal à mesa do jantar.

“Depois de tanto suor escorrido, esta é a recompensa que recebemos. Somos substituídos pela nossa aparência etária. Mal eles sabem que a culpa das nossas rugas e dos nossos cabelos brancos provém da fome e da vida que levamos...”. Todo aquele discurso era um ruído semântico para o ratinho, mas nada o impedia de descodificar a linguagem não verbal daqueles seres. As suas agitações corporais e o choro partilhado denunciavam as suas verdadeiras essências — aparentavam rondar a casa dos cinquenta; mas, na verdade, tinham só trinta anos. Aparentavam estar seguros por ter um teto a cobrir as suas cabeças; mas, na verdade, dividiam migalhas de pão. O ratinho apercebeu-se desta dissonância, mas, como pouco podia contribuir, decidiu continuar o seu banquete — se não fosse o seu grande achado, naquela noite também comeria restos.

O suave material de construção do prédio atribuiu ao pequeno roedor a facilidade para o escalar. Andar após andar, a qualidade do queijo melhorava e o seu intenso odor largava um rasto olfativo que incentivava o pequeno a alcançá-lo por completo. Enquanto trepava, mantinha sempre o mesmo ritual: provava, escutava ruídos, espreitava pelos buracos do queijo e retomava a sua posição de ¹indiferença. Esta contínua sucessão de eventos transgrediu o estatuto de invasor espacial do pequeno e, gradualmente, homogeneizou-o com o espaço opressor — que nunca, mas nunca, seria ocupado por si com tanta normalidade.

Durante o seu longo percurso, coletou um extenso espectro de interiores (dos mais miseráveis aos mais requintados). Reparou que, ao contrário dos andares superiores, os primeiros careciam de luz natural e de sentido estético — as divisões eram preenchidas por móveis de madeira podre, sofás rasgados e cacarecos. Compreendeu, por fim, que quanto mais perto da luz solar, mais iluminada era a vida dos moradores. Por estas bandas, as conversas eram muito mais agradáveis e à mesa de jantar comia-se muito mais que migalhas de pão.

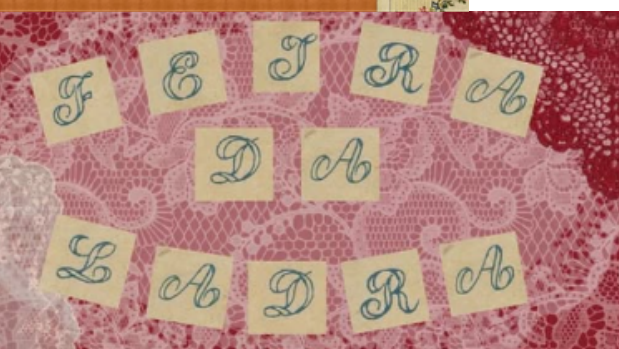
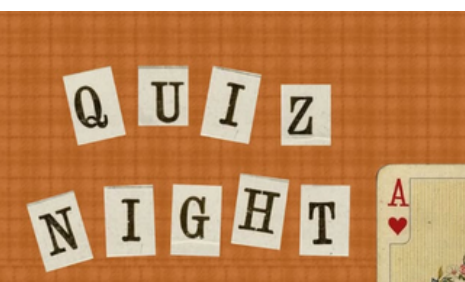
Ao alcançar o vigésimo andar e por não ter mais por onde subir, o pequeno decidiu descansar. Com a sua perspetiva panorâmica, avistou formigas descontroladas e um cartaz político, descomunal, que citava uma frase em maiúsculas: “TUDO O QUE TU COMES TENS DE PAGAR”. Subitamente, todos os inquilinos do edifício devorado dirigiram-se às suas janelas, olharam para cima e repetiram em coro a frase do cartaz. Nunca antes o ratinho vira tanto ódio junto; tanta pressão — vinda até mesmo do casal de 30 anos.

Que dor aguda sentia aquele ratinho do campo ao observar a confusão urbana. A sua vontade

era desfalecer ali, no meio de todos os seus sonhos e aspirações. Enjoava-lhe a ideia de que a sua primeira vez a ter o privilégio de desfrutar de uma refeição luxuosa marcasse o seu endividamento eterno. Detestava, ainda, que o seu micro estômago tivesse sido infetado pela gula. Babilónia tal que a pobre criatura começou a vomitar, e, para seu espanto, o que expulsava do seu interior era cimento. Ninguém parecia entender a sua dor, por mais que ele guinchasse. Tudo o que ele queria era voltar para casa e esquecer este episódio citadino — e assim o fez.

O problema dos que pela cidade são oprimidos é não perceberem que, assim como o queijo *Emmental* necessita de bactérias para a formação dos seus buracos, também a metrópole precisa de um vasto conjunto de pessoas — bactérias intrusivas ou não — para se completar. Dentro deste sistema hierárquico, todos os habitantes partilham uma característica em comum — as facetas obscuras da Cidade dos Sonhos, reveladas por brechas interiores (dor e ostentação) que se cruzam de ser para ser e são apaziguadas pela perda de consciência de classe.

¹Estilo *Emmental*



Estudo 556: Frigus

Autoria: Ana Marta Cabrita
Edição: Catarina Casal

O dia tinha chegado ao fim. O sol descia no horizonte e a lua cheia começava a brilhar no céu. No meio da floresta, escondido entre os enormes pinheiros e sobreiros, estava o laboratório Apex. Todas as pessoas conheciam o laboratório: um lugar pertencente ao governo de Badora, no qual escondiam todo o tipo de coisas estranhas e sobrenaturais. Claro, ninguém verdadeiramente consciente do mundo em que vive acreditava nisso, somente aqueles a quem a sociedade chama de “malucos”. No entanto, esses “malucos” não podiam estar mais certos.

Numa cela escura e fria no piso subterrâneo do laboratório, um menino dormia. Ele tinha caracóis negros, uma pele branca como a de um fantasma, duas orelhas pontiagudas e escamas nas zonas dos braços, pernas e peito. Quando os seus olhos se abriram, duas orbes azuis esverdeadas brilharam mesmo não havendo luz no lugar. O menino olhou para o que estava à sua volta e, ao não encontrar nada de diferente, fechou os olhos novamente, decidido a ter mais algumas horas de sono. No entanto, isso não foi possível, já que, poucos minutos após fechar os olhos, a porta do seu “quarto” foi aberta. “*Bom dia*”, cumprimentou o menino. “*Levanta-te*”, ordenou o guarda; e o menino percebeu que o guarda era novo, porque o antigo respondia ao seu cumprimento matinal.

Sem desejar confusão, o menino fez como lhe foi ordenado e ficou em pé de frente para o novo guarda. Este, então, agarrou na coleira e prendeu-a ao redor do pescoço do prisioneiro. A coleira era uma forma de os cientistas não o deixarem escapar. Se o menino tentasse sair das instalações dos cientistas, o colar dar-lhe-ia tal choque, que este desmaiaria. Mas claro, o menino não sabia disso.

O guarda agarrou na corrente da coleira e começou a puxar o prisioneiro, que fechou os olhos numa tentativa de se habituar à luz do ambiente. O lugar estava igual a qualquer outro dia: cheio de cientistas de batas brancas a entrarem e a saírem de salas rapidamente. Tal como o jovem estava igual a qualquer outro dia: vestia a

sua camisola branca (mais parecida com um vestido) desgastada, os pés e pernas descalços, as mãos com algemas e caminhava para mais um dia de testes, injeções e torturas. Mas, novamente, o menino não sabia que isso não era normal.

Ao chegarem à porta do laboratório, o guarda soltou-o e abriu a porta, revelando assim o novo espaço. Completamente branco do chão ao teto, com um pequeno escritório de canto, uma maca, uma pequena mesa ao lado desta com vários instrumentos (a maioria com nomes desconhecidos para o menino) e três cientistas com papéis nas mãos. Estes três olharam para os recém-chegados e o mais velho dentro deles sorriu e cumprimentou o menino. “*Bom dia, Frigus*”. Frigus entrou na sala como se entrasse num lugar totalmente conhecido para ele e respondeu com a sua costumeira expressão de serenidade: “*Bom dia, senhor Arthur*”.

Arthur sorriu novamente e desviou o olhar do menino para o seu acompanhante, dispensando-o. O guarda então curvou-se num cumprimento e saiu do local. Estando agora somente os cientistas e Frigus na sala, Arthur voltou os olhos para o menino e ordenou que este se sentasse.

Respondendo à ordem dada, o menino sentou-se na costumeira cama. Os outros dois cientistas olhavam para Frigus surpreendidos enquanto murmuravam sobre ele: **o Estudo 556**. “*Novamente mudaram as pessoas...*”, pensou o menino. De tempos em tempos, as pessoas do Apex mudavam para se conseguir manter em segredo tudo o que acontecia dentro daquelas quatro paredes. Arthur aproximou-se de Frigus e sorriu: “*Vamos começar*”.

Testes, provas e injeções — esse era o dia a dia de Frigus no Apex, parando somente para comer e beber água. Após tudo, quando o sol volta ao céu, Frigus voltava para o seu quarto e dormia, sonhando sobre como seria a vida longe dali, num mundo totalmente desconhecido para ele.

...

Os dias passavam com calma naquele lugar. Frigus ia, como sempre, acompanhado de um guarda para o

laboratório. Ao chegar lá, a porta foi aberta com violência e uma pessoa encaminhou-se para fora da sala. *“Althea! Não te atrevas!”*, uma voz exclamou de dentro da sala, mas Frigus pouco se importou em descobrir a quem pertencia, já que estava encantado com a pessoa à sua frente. Uma mulher de longos cabelos castanhos e olhos azuis como o céu era quem tinha acabado de sair da sala. Ao contrário do resto das pessoas que Frigus conhecia, ela vestia um vestido médio negro que dava ênfase ao seu belo corpo, calçava um par de botas altas da mesma cor e tapava-se com um pequeno casaco branco com capuz (este que cobria a sua cabeça). Frigus não desviou o olhar da mulher, um olhar que foi percebido pela mesma, que o devolveu levemente surpreendida.

No entanto, esta troca de olhares não durou muito, pois o braço da mulher foi segurado por trás por um dos cientistas. *“Althea! Você não pode fazer isso!”*, exclamou o cientista. Althea fechou o seu rosto numa expressão séria, soltando-se. *“Cale-se, eu própria vou falar com o senhor Belvedere e saber o que posso e não posso fazer!”*, exclamou em contrapartida. O cientista olhou-a com os olhos ardendo de fúria e levantou o braço na intenção de lhe ensinar uma lição. Frigus sentiu o seu peito arder, rapidamente ultrapassou o guarda à sua frente e chutou a barriga do cientista, que voou, batendo com as costas na parede do outro lado da sala.

“Frigus!”, ouviu o seu nome ser chamado, mas não se mexeu, permanecendo estático a olhar para Althea, encantado de tal modo que nem o próprio sabia. O menino somente voltou a si quando sentiu um choque a percorrer o seu corpo. Frigus gritou de dor e caiu de joelhos no chão ao sentir todos os seus nervos queimarem. Ele não sabia nem porquê nem como aquilo estava a acontecer, nem ao menos conseguia pensar no que estava a acontecer à sua volta. Aos poucos, a sua consciência foi-se perdendo até desmaiar.

Algumas horas mais tarde Frigus despertou no seu quarto. De imediato, as suas memórias do acontecimento regressaram à sua mente e ele suspirou. Porque é que tinha reagido daquela forma? Ele não sabia. A única coisa da qual

se lembrava era do sentimento de que deveria proteger aquela menina. *“Quem era ela? E porque é que me senti assim?”*, pensou e fechou novamente os olhos decidido a não mexer o corpo, que doía ainda com as lembranças do choque.

...

No dia seguinte, Frigus foi novamente levado para o laboratório, no entanto, este tinha novas caras. Bem, não tão novas. No lugar, estava Arthur, juntamente com dois novos cientistas e... Althea. Tal como no dia anterior, trazia o seu vestido negro e aquelas mesmas botas, mas, em vez do casaco, desta vez ela vestia uma bata branca como a de Arthur. *“Bom dia, Frigus”*, cumprimentou Arthur. Frigus cumprimentou de volta e Althea olhou-o com uma estranheza inexplicável. *“Eu gostaria de vos ter apresentado ontem, mas devido às circunstâncias não foi possível”*, falou com uma calma surpreendente. Frigus lembrou-se da sensação do choque e respirou fundo, mantendo a calma. Arthur pousou uma mão nas costas da menina e abriu um grande sorriso: *“Esta é Althea Blakeney, a tua nova supervisora”*. Frigus sentiu então o seu corpo estremecer e uma sensação estranha nasceu-lhe no peito. Sem saber como reagir, apenas balançou a cabeça em concordância. *“Apresentações feitas, iremos retirar-nos. Deixo tudo nas tuas mãos, Althea”*. Althea concordou e Arthur abandonou o laboratório, juntamente com os dois cientistas e o guarda.

Ao ouvir a porta bater, o coração do menino começou a acelerar. Não entendia a razão pela qual aquilo acontecia consigo, mas também não sabia como a descobrir. Althea olhou ao seu redor, principalmente para os cantos do lugar, como se esperasse achar alguma coisa. No entanto, ao perceber que não havia nada, aproximou-se de Frigus e agarrou-o nas suas mãos. Frigus sentiu como se fosse desmaiar. *“Frigus, senta-te ali por favor”*. A sua voz era suave, como se falasse com uma criança, totalmente diferente à que ouviu no dia anterior. Frigus fez como lhe foi mandado. *“Agora quero que sejas sincero comigo, sim?”*. Ele concordou. *“Qual é a primeira coisa de que te lembras de quando eras pequeno?”*

Frigus ficou confuso. A sua primeira memória era da época em que ele já sabia falar. Já naquela época ele vivia no Apex e estava a ser examinado por Arthur. Frigus chorava muito, assustado com tudo o que acontecia ao seu redor, enquanto Arthur tentava fazer o menino acalmar-se e colaborar consigo. Contou isso a Althea, que suspirou e olhou com um carinho imenso para o jovem. *“Frigus, ouve-me com atenção, tu não devias estar aqui. Tu és um príncipe dos elfos. Na verdade, és O príncipe dos elfos, aquele que foi roubado da sua família quando tinha apenas um ano. Eu sou uma das damas de companhia da tua mãe e, após o teu desaparecimento, consegui permissão para vir para o mundo humano à tua procura”*, explicou com calma, mas com grande seriedade. Frigus tentava assimilar tudo, no entanto, era difícil acreditar naquilo. Um príncipe? Ele? Althea suspirou. *“Acredito que seja difícil acreditar em mim, mas é somente a verdade. Frigus, tens de sair daqui antes que Arthur e o resto destes malditos e gananciosos humanos terminem os estudos”*. *“O que acontecerá se eles os terminarem?”*, perguntou Frigus, tenebroso. *“O teu reino, os teus pais e o teu povo ficarão em perigo”*, retorquiu Althea.

Frigus ficou em silêncio, não sabia o que sentir ou o que pensar. Se ela veio à sua procura, o que dizia deveria ser verdade, certo? Mas e se o estivesse a enganar? Não, ele sentia que não. Então, decidido, ouviu todo o plano de Althea para conseguirem fugir do Apex ainda naquela noite.

...

Horas mais tarde, Frigus estava no seu quarto de olhos bem abertos à espera de Althea. Enquanto o fazia, revia na sua mente todas as informações que vinha reunido durante o dia: Arthur era mau, ele era um príncipe que tinha sido raptado, Althea veio salvá-lo... Ainda era inacreditável tudo aquilo que acontecera, mas esperava estar a tomar a decisão certa. A sua porta foi aberta e Althea entrou com uma chave a rodar no seu dedo. A mesma sorriu e aproximou-se de Frigus: *“Pronto para ser livre?”*. Frigus sorriu e anuiu.

Althea libertou-o das algemas nos pulsos e no pescoço e pediu para Frigus vestir uma roupa de cientista que ela havia

trazido consigo. Após o fazer, os dois abandonaram o lugar e correram em direção à saída do Apex. Frigus sentia o seu estômago leve, o coração aos pulos e uma sensação de liberdade invadia os seus ossos. Althea, como era uma das cientistas do laboratório, tinha acesso a tudo e, aproveitando que era de dia e todos dormiam, abriu rapidamente as portas dos blocos pelos quais teriam de atravessar para chegar à superfície. Ao chegarem ao último bloco, Frigus surpreendeu-se ao ver Arthur juntamente com dois guardas em frente à última porta. *“Onde pensam que vão?”*, perguntou o senhor. Frigus escondeu-se atrás de Althea, que estendeu o braço como se o estivesse a proteger. *“Frigus, pega no meu cartão. Eu vou distraí-los e tu foges”*, falou com seriedade. Frigus sentiu o seu coração pular no peito e decidiu implorar para o senhor que cuidou dele desde pequeno. *“Senhor Arthur, deixe-nos passar, por favor”*. A expressão de Arthur endureceu e o menino estremeceu com a frieza visível nos olhos daquele em que confiava. *“Frigus, és mesmo inocente não és? Meu estúpido elfo! Só preciso de ti para terminar o veneno dos elfos! Com ele, matarei todos vocês e os humanos governarão os mundos! Tal como deveria ser”*, exclamou e Frigus sentiu somente uma coisa pelo homem e por aquele lugar: ódio. *“Rapazes, apanhem-nos!”*. Althea criou duas bolas de fogo com as mãos e atirou-as contra os três homens que vinham em sua direção. *“Frigus, vai!”*

Como ordenado, Frigus correu, passou pelos homens e abriu a porta com o cartão de Althea. Ouviu novamente o grito da menina para fugir, seguido de um de dor, e assim o fez, sem olhar para trás, decidido a começar uma nova vida com apenas uma coisa na cabeça: **nunca mais iria confiar em humanos.**

O tornado que me levou

Autoria: Ana Rita Franco
Edição: Eva Luna

Mesmo antes de pôr os pés fora do meu país, já sabia que gostava de viajar. Sentia sempre algo a puxar-me para fora, para longe, para terras que me eram desconhecidas. Ansiava por descobertas, por vivências novas, por provar comidas com sabores que nunca conseguira imaginar e por ouvir línguas que soam estranhas e crocantes aos meus ouvidos. Era como se um tornado enorme me tentasse soprar para longe.

No início, eu resistia e fincava os pés. Afinal, aqui é confortável e conhecido. Eu sei bem como lidar com as pessoas daqui, sei como ir ao supermercado e encontrar o que quero, sei como sorrir de forma constrangedora mas educada para as outras pessoas à espera na paragem de autocarro. Lá fora, as pessoas encaram-me com estranheza ou curiosidade, os supermercados são imensos e cheios de coisas que nunca vi e que não sei o que são, e as pessoas nem sempre gostam que sorriamos para elas enquanto esperamos que o autocarro venha. Muitas levam mesmo a mal.

A minha família e amigos também me tentaram proteger daquele vendaval que me queria levar. Agarraram-me os braços com toda a força e disseram “mas nós gostamos tanto de ti e de te ter aqui”. Então fiquei. Mas, a dada altura, a tempestade tornou-se tão poderosa que acabou por me arrastar, mesmo eu estando cheia de medo e daquela ansiedade que nos faz formigar por dentro. Mal sabia eu que estava a entrar num caminho sem retorno, porque viajar fez-me encarar o mundo de uma forma totalmente nova. Já não era o mesmo de antes. Eu própria já não era a mesma de antes.

A brisa estrangeira passou a ser a minha companheira, a língua estranha soava cada vez mais melódica e doce e o meu peito enchia-se cada vez mais de um sentimento tão forte que parecia que me faria explodir. Era uma ânsia de viver, de ver cada vez mais, de tomar mão daquele vento que me puxou e com ele sugar tudo o que existe para dentro da minha alma. Queria experienciar tudo, ver todas as coisas, encher os olhos de paisagens novas,

de pores do sol deslumbrantes e das luzes das metrópoles de noite, ensurdecer-me com as buzinas de carros, com as ondas do mar a rebentar, saborear todos os finais de tarde e noites quentes, todas as madrugadas geladas e frescas. Queria consumir o mundo e queria que ele me consumisse.

Não consegui parar. Precipitei-me cada vez mais para todo o lado. Os olás ficaram mais fáceis e naturais, os adeus deixaram de se cravar tão fundo no meu coração. Passei a ver a novidade como um lar, apesar de continuar a carregar a nostalgia da minha terra comigo. Vivia com um pé de cada lado. O que costumava ser tudo para mim era agora um postal saudosos na minha mente, e o desconhecido tornou-se confortável e acolhedor.

Sentia que deixava um pedaço de mim em cada lugar que visitava e, em troca, trazia também um pouco de cada um deles dentro de mim, como uma coleção inestimável de selos. Passei a ser um aglomerado de tudo o que vi, senti e vivi. De todas as pessoas a quem apresentei a minha cultura, de todas as comidas novas que provei, de todas as músicas tradicionais que ouvi... Porque é que, para regressar ao meu lar, tenho sempre de deixar o meu lar para trás?

Agora não há mesmo volta a dar. O vento já não sopra forte para me levar, sou eu que corro e ele acompanha-me, apenas, como uma brisa fresca e ligeira. Às vezes olho para trás, por cima do ombro, para quem acena em despedida. Sorrio com lágrimas nos olhos, mas não paro. Corro cada vez mais rápido.

Vou só ali buscar uma nova parte de mim, não se preocupem. Eu volto daqui a nada, volto sempre.

A Lenhadora

Capítulo 2 / 1ª metade

Autoria: Caim
Edição: Zahra Sacoor

O tecido áspero da minha camisa de dormir roçava na pele sempre que movia a mão para escrever, induzindo-me a um embalo absoluto. Das poucas felicidades que eu possuía, traçar letra após letra era uma delas e, dos poucos amigos que tinha, eu era a única que o sabia fazer. A primeira vez que o fiz à frente deles, perguntaram-me como o tinha aprendido, no entanto, não fora corajosa o suficiente para lhes responder. Falar sobre a minha mãe ainda me era laborioso e por essa razão fazia sempre questão de evitar o assunto.

A vela ao meu lado tremeu, fraca, iluminando os meus rabiscos. Subitamente, uma pequena corrente de ar invadiu o meu quarto, provocando-me um tremor suave. Com o fluxo de consciência interrompido, tive de me convencer a dirigir à janela para fechá-la — sentia a preguiça a lutar pela dominância sobre o meu corpo. Por mais surpreendente que fosse, começou a precipitar assim que a tranquei. Contemplei o céu estrelado por alguns segundos e voltei a sentar-me.

Dois toques suaves alertaram-me para o movimento arrastado da porta, onde o meu pai pareceu materializar-se de supetão:

— Vais ficar com os olhos em bico — comentou sarcasticamente, aproximando-se de mim.

— Do que é que precisas? — inquiri o fantasma de sorriso desenhado nos lábios. Sentou-se na minha cama em completo silêncio. Nas suas mãos estava um embrulho castanho enlaçado por uma corda de marinheiro. Arqueei a sobancelha e levantei-me, sentando-me ao pé dele.

— Abre.

Deu-me o embrulho, parecendo ficar logo agitado. Finalmente desfi-lo, retirando o presente misterioso do papel. Uma saia castanho-escura, que parecia conseguir cobrir as minhas pernas até aos pés, troçava-me. Olhei de soslaio para o meu pai, que coçava a nuca. Limpou, então, a garganta, agravando o seu tom de voz:

— A partir de agora vais vestir isso todos os domingos de manhã. A igreja é sagrada — comandou, porém baixinho. Ele próprio

se encontrava contrariado com a ideia de me ver de saia, por mais aberrante que parecesse.

— Sim... Tudo bem — respondi com uma certa apreensão e ele reparou, porque desviou o olhar de mim antes de se retirar do meu quarto.

Voltei-me a sentar para continuar os meus rabiscos, agradecida pelo quentinho da lareira que nunca nos faltava em casa. Sempre trouxe um certo conforto para mim e para o meu pai, um laço que nos unia incondicionalmente. Lá fora, ouviam-se as bebedeiras e os bailaricos dos becos hereges.

*☆☆

A igreja, tal como a nossa casa, parecia estar a cair aos pedaços. Mesmo assim, ninguém lhe faltava ao respeito. Fomos dos primeiros a chegar, como era habitual. Bem tapado pelas nuvens se encontrava o sol, parecendo desaparecido. A escuridão matinal criava uma tensão indiscutível, embora todos aparentassem estar de bom humor.

Sempre senti uma certa hostilidade quando me ajoelhava para rezar. A madeira deixava-me os joelhos todos marcados e as paredes permitiam que o gelo lá de fora penetrasse a medula dos meus ossos. Porém, admito que o interior da igreja era imponente. Tal como o seu padre, Sílvio Bragança. Que humildade possuiria ele para perdoar os pecados de outrem? Agora que penso nisso, nunca teria coragem de fazer esta questão em voz alta.

Desde pequenina que tenho tentado não prestar muita atenção aos meus arredores, pois a vigia de Deus e dos seus santos fazia pesar o meu corpo. No entanto, hoje, um iminente momento de lucidez ameaçava respirar ao meu ombro. Os passos silenciosos de quem veio cumprir o seu dever sagrado ecoavam pelo edifício. Murmuravam educadamente os que procuravam a salvação divina, já gastos pela idade, enquanto os mais novos, lá por obrigação, desobedeciam e corriam em volta dos bancos atrás uns dos outros.

O meu pai conhecia toda a gente nesta igreja, sendo que éramos nós que fornecíamos a maior parte do material, como a madeira e os animais mortos, para as suas pequenas casas. Elogiavam a minha saia, surpreendidos com o vestuário adequado, ou ficavam a divagar sobre tópicos que pouco me interessavam.

Sentávamo-nos para ouvir o latim do padre, alvo de admiração, mas incompreendido pelos demais, quando uns fios longos e prateados esvoaçaram pelo tapete encarnado e conquistaram a minha completa atenção — tal e qual aquele dia. Os sapatos dela sozinhos soavam imponentes. Toda a gente virava o pescoço para observar a beleza da rapariga. Agora mais perto, conseguia ver que ela não parecia ter a minha idade — talvez fosse um pouco mais velha. Murmurava com a mesma senhora que eu havia confrontado, a mesma que havia feito chorar o rapazinho. Aparecia hoje de mão dada com ele.

Por um momento, o rapazinho reparou em mim e sorriu. Ele deixou a mão da sua mãe baloiçar sem mais nada onde se agarrar, puxando a saia da rapariga de cabelos loiros. Ela, alta e intimidante, rodou os seus olhos subtilmente quando partilhou um pouco da sua atenção com ele e agachou-se para ouvir o que tinha para lhe dizer. Na minha cabeça, tudo pareceu acontecer demasiado rápido. Fitou-me, penetrando a minha alma. As mesmas irises que haviam troçado de mim agora possuíam uma certa candura, quase imperceptível. Até pensei que, a certa altura, isto havia sido uma simples ilusão minha. Desviei o olhar deles — algo dentro de mim impedia-me de o fazer... algo que não me considerava o suficiente para ter esse direito.

Distraída, mexi um pouco a minha perna, tocando na minha sacola. Lá dentro encontrava-se o meu material e a muda de roupa. A saia irritava-me a pele, pois o tecido era bastante áspero. Mal podia esperar para me levantar e sair dali.

Ler o que é proibido: Porque é que os clássicos ainda assustam?

Autoria: Mariana Ribeiro
Edição: Maria Rodrigues

“Um clássico é um livro que nunca acabou de dizer o que tem a dizer”, disse Ítalo Calvino em *Porque Ler Os Clássicos* (1991).

Como todos nós sabemos, em tempos antigos, os indivíduos que liam eram apenas aqueles que tinham muitas posses. Mesmo que alguém fosse extremamente inteligente, havia uma alta probabilidade de não ter como aprender a ler ou de não ter acesso a um livro.

Felizmente, nos dias de hoje, é muito fácil ter acesso a livros de todos os géneros. Apesar de haver esta ideia de que a boa leitura só ocorre quando lemos uma obra complicada ou um clássico (sim, porque nem todos os clássicos são difíceis), a leitura é benéfica mesmo quando se lê algo que não é considerado intelectualmente estimulante. Nós estamos constantemente a ler: desde publicações no *Instagram* até rótulos de produtos. Independentemente do conteúdo que lemos, o nosso cérebro ativa as mesmas zonas do seu sistema. Portanto, ao contrário do que muitos discutem, a questão que devemos colocar ao ler um livro é se vamos aprender algo com ele. E, normalmente, os livros que nos permitem isso são os famosos clássicos.

Ler um clássico não é apenas olhar para o passado, mas sim ver que a mensagem da obra continua aplicável ao presente. Ler os famosos “livros *light*” é como ouvir uma mentira leve. Já os clássicos são verdades duras, das quais necessitamos. O melhor autor para exemplificar isto é George Orwell. Tanto em *1984* como em *A Quinta dos Animais*, Orwell aborda temas assustadoramente atuais. Todos os clássicos sobrevivem apenas por tocarem em nervos da condição humana, entre eles o poder (que considero ser uma das temáticas mais importantes), a inveja, o amor e a liberdade.

Após esta breve reflexão sobre o papel dos clássicos, considero relevante abordar a questão dos livros banidos nos EUA. Nos Estados Unidos da América, mais de sete mil livros foram banidos desde 2024 em escolas e bibliotecas. O movimento conservador tem impulsionado a proibição de todo o tipo de livros, antigos e recentes, tais como *The Handmaid's Tale* e *The Blueyest Eye*. Os livros que foram censurados são todos aqueles que abordam temas relacionados com LGBTQ+, racismo, machismo, conteúdo sexual e distopias.

Infelizmente, em Portugal, este tema não é muito abordado. Porém, continua a ser muito relevante e não é por não nos impactar diretamente que esta questão deve ser ignorada. Se o sistema tem medo de que os jovens leiam *O Diário de Anne Frank* ou *Beloved*, é porque esses livros ensinam a pensar. E pensar é o primeiro passo para questionar tudo à nossa volta, o que, conseqüentemente, leva à desarmonia. No entanto, sem essa desarmonia, a sociedade muito dificilmente se desenvolverá.

Ao longo dos anos, fui tendo cada vez mais presente a ideia de que quem não lê clássicos não consegue perceber verdadeiramente a essência do ser humano e da sociedade. Todos os

clássicos são metáforas do que se passa na vida real. E, por vezes, é ao ler uma determinada passagem que nos sentimos compreendidos.

É certo que os autores, ao escreverem, não pensam naquilo que o público quer ouvir e essa é uma das partes mais belas: sentirmo-nos identificados e vistos através de um livro que tem mais de 50 anos. Nenhuma experiência é única e os livros ensinam-nos novas formas de olhar para a realidade.

Ler os clássicos é, de facto, algo vital para a humanidade. Todos nós, eu incluída, possuímos livros que temos receio de ler, quer pela sua extensão quer pelos temas abordados. Porém, como alunos de humanidades, temos a missão de os continuar a ler.

Junta-te ao Cola! Sê uma baratinha

Gostavas de fazer parte de um jornal académico?
Toma atenção ao nosso instagram e inscreve-te!



O jornal académico de Letras tem como principal objetivo a representação da comunidade da instituição, dando voz aos mesmos.

Grupos: Redação, Comunicação, Edição e Tradução.

Biblioteca FLUL 25 ANOS

“A Biblioteca da FLUL comemora em 2025 os 25 anos do novo edifício. A inauguração, em 2000, (...) o seu crescimento e a sua afirmação pública, para o ensino e a investigação aqui praticados, que esta efeméride merece uma condigna comemoração, ocasião privilegiada para a dar a conhecer à comunidade académica e ao público em geral, revelando o seu perfil moderno, os seus propósitos, as suas colecções e património. Desta forma, apresenta-se ao público o conjunto das mais importantes iniciativas que se realizarão ao longo de 2025 e de 2026, esperando que possa suscitar um interesse generalizado, em especial, o da comunidade académica da FLUL.”

Celebra a biblioteca e o conhecimento com colóquios, exposições, conferências e mais!

Um retrato torto

Autoria: Maria Afonso
Edição: Giovana Oliver

Um comentário ao ideal de beleza, segundo a obra *The picture of Dorian Gray*, de Oscar Wilde

A obra de Oscar Wilde, apesar de escrita no século XIX, retrata com precisão a realidade dos nossos dias. A constante perseguição do ideal exterior levou ao desenvolvimento de uma sociedade vazia que procura o conforto na reflexão, sem se aperceber de que o espelho se encontra sujo.

O conceito de beleza avança e evolui com o desenvolvimento do Homem. As roupas modestas e peles esbranquiçadas de outrora foram trocadas por cabelos longos e números pequenos nas balanças. Contudo, a modificação do tão dito ideal nada impacta na procura incessante da sua obtenção, visto que o foco absoluto e inquebrável no alcance de um exterior perfeito passa a ser banalizado e a importância dada a esta vertente do humano passa a ser extrema. Este fenómeno leva a uma indiferença perante as faculdades merecedoras de reconhecimento e o decréscimo de indivíduos com algo interessante para dizer. Dorian Gray, ao longo da narrativa, representa perfeitamente esta ocorrência: este que desvia os olhos aos seus erros e malfeitos, focando-se unicamente na sua aparência, falha em reconhecer o detrimento que estes causam à alma e ao intelecto. Lord Henry reconhece esta verdade, mesmo que aprove aquele que vive sem pensar: «The moment one sits down to think, one becomes all nose, or all forehead, or something horrid».

O ser humano é uma criatura dada a hábitos. A constante exposição a personagens impecáveis e deslumbrantes obstrui o cérebro à visão de defeitos ou desacertos. Deste modo, surge a crença de que todo o ser humano deve ser exemplar do extraordinário e, conseqüentemente, de que o exterior deve automaticamente refletir o interior. Assim sendo, passa a ocorrer um desdém do que não é bonito, não é simples, não é pura e simplesmente perfeito. A essência de cada indivíduo passa a ser limitada a um sorriso e uma resposta educada. «I can sympathize with everything except suffering (...) I cannot sympathize with that. It is too ugly, too horrible, too distressing». Esta contenção do ser leva a uma sociedade monótona e acrítica, a uma população desinteressada no real e na sua compreensão. É necessário um apelo e reconhecimento daqueles que buscam a verdade para além da superfície e dedicam os seus dias a algo mais que uma qualidade efémera. A vida é imperfeita, confusa e tudo menos simples, dando-nos — a nós, seres pensantes — a possibilidade de a tentar decifrar todos os dias. É preciso que o humano recupere a vontade do novo; é preciso reencontrar a sensação tão humana de inquietude perante as perguntas sem respostas.

Com efeito, este desinteresse pelo difícil resulta no alargamento da audiência que consome e aceita a ideia projetada da perfeição, de modo que há uma perda da diversidade humana. Tomemos como exemplo Dorian Gray, que, na sua juventude, se apaixona por Sybil Vane, uma belíssima jovem de classe baixa reconhecida pelas suas excepcionais atuações no teatro local. Contudo, o rapaz enamorado falha em admitir a razão por detrás da sua paixão: Dorian não

ama Sybil, apenas tem um fascínio pela sua beleza e pelas personagens que representa nos seus espetáculos. «“When is she Sybil Vane?” “Never.” “I congratulate you.”». A banalização do falso é responsável pela perda do autêntico, de tal forma que a distinção entre a atuação e o real é praticamente impossível. Consequentemente, a relação e maneira como interagimos com o próximo modifica-se, constrói-se uma expectativa irreal e inatingível do outro e uma desilusão perante o confronto com a realidade de que somos incompletos e imperfeitos.

Enfim, a realização da impotência perante a pressão do ideal de beleza e a contínua imposição desses ideais no indivíduo comum não é algo fácil de compreender e aceitar. Contrariamente a Dorian Gray, não temos capacidade de congelar a nossa juventude numa tela. De certo modo, é da responsabilidade de cada um abrir mão deste desejo insaciável e encontrar conforto na nossa natureza humana: na nossa capacidade de compreender, explorar, amar, filosofar, errar, descobrir. É preciso compreender que há perfeição no imperfeito.



Pré-25 de Abril: O país do atraso, da submissão e do medo

Autoria: Francisco Ferreira
Edição: Dinis Matias

Na essência do nosso ser perdura uma questão identitária: quem são os portugueses? Somos um povo definido pela nossa história, que se identifica, na atualidade, principalmente pelas mudanças ocorridas na nossa sociedade contemporânea — não apenas nos últimos 50 anos. Somos também a manifestação cultural viva da memória — não apenas do avanço, mas também do atraso. Independentemente das mudanças, sentimo-nos parte do passado, recordando o que foi com a vontade de nunca o voltar a ser. Poder-se-á descrever o Portugal da pré-revolução em apenas algumas palavras? Atraso, submissão, medo? Tais palavras só poderão ser utilizadas tendo como plataforma afirmativa uma base de avanço. Mas avanço relativamente a quê? De forma a sustentar o uso destas simples palavras, exemplos são necessários. Começando pela base — o nascimento — num país em que os serviços faltavam, fosse o banco ou o correio, a água canalizada, o escoamento digno, a eletricidade ou os telefones. A saúde não era diferente: o nascimento era precário e muitas vezes carecia de assistência médica, higiene e condições básicas para o realizar. Esta seria a realidade antes do avanço tecnológico, antes da disseminação democrática do desenvolvimento científico.

A educação exemplifica perfeitamente este cenário de atraso: o analfabetismo era generalizado e não havia progressão académica superior para a maioria. A instrução, quando se tinha, era básica e propagandística. A precariedade do campo era romantizada e perpetuada em plena sala de aula, servindo assim de reafirmação ideológica. O abandono escolar era comum, principalmente com o objetivo de seguir uma precoce vida profissional, como forma de ajudar a família, sendo também comum a

coabitação de diversas gerações no mesmo agregado familiar. Além disso, a carência alimentar gerava problemas na aprendizagem: a dieta tinha uma base vegetal muito acentuada e o consumo de proteína animal era raro, sendo comum o consumo de álcool como fonte de calorias desde tenra idade. Uma pessoa não alimentada tem dificuldade em trabalhar e ainda mais em reter informação para a sua educação e desenvolvimento pessoal.

Na vertente estatal e nas suas consequências sociais, reinava a submissão. Esta começava a ser germinada desde a infância, com a supramencionada instrução de valores de índole conservadora cristã, romantizados e propositadamente unilaterais. Os partidos eram proibidos, não se podia pensar de forma diferente, os sindicatos eram controlados e a sociedade, de uma forma geral, estava fechada a qualquer tipo de distúrbio à pretendida ordem social.

Era difícil obter produtos do estrangeiro, era difícil viajar e aproveitar os lazeres de fora, havendo também poucos estrangeiros dentre os portugueses. A polícia política censurava, escutava e vigiava todo o quotidiano, cada aspeto da vida mundana era controlado num lento sufoco, propositadamente delineado de forma a manter a ordem. A indumentária era tabelada, o casamento de funcionárias públicas tinha de ser autorizado, sendo clara a vertente ideológica da submissão ao estado e da necessidade de permissão para se submeter a outro, o marido. A demonstração pública de afeto era também proibida e, se executada, repreendida pelo cidadão mundano. Esta cultura era passada de pessoa para pessoa, o controlo encontrava-se já disseminado culturalmente, a lei do medo e do socialmente reprovável mantinha a população sobre trela propositadamente delineada.

É através da mulher que esta submissão se manifestava de forma mais profusa. Havia grandes diferenças salariais, não podiam votar livremente — não só as mulheres, mas a grande maioria dos cidadãos. Além disso, a mulher dependia do seu marido, fosse para ter um passaporte, viajar ou abrir uma conta bancária. Mesmo em caso de relação abusiva e fuga de sua casa, a

polícia podia ser chamada para devolver a mulher ao lar onde pertencia. desta forma, o Estado servia como um reafirmador dos papéis de género, perpetuador da violência doméstica e possível feminicídio.

A Guerra Colonial servia também como uma forma de submissão, exercida pelo Estado a metade da população. O serviço obrigatório servia como uma interrupção do curso natural da vida, uma lembrança de “quem manda”, uma realidade “distante”... Estes são apenas alguns fatores exemplificativos deste país do atraso, da submissão e do medo. É difícil imaginar uma diferença tão brusca da sociedade pré-revolução para a realidade consagrada menos de meio século depois. Mas a compensação não foi imediata. É evidente que o atraso sentido no período da pré-revolução perdurou nas primeiras décadas após a mesma, demorando tempo a colmatar ditas disparidades. No fundo, como poderia uma população com dificuldades de autossustento dar-se ao luxo de desfrutar das banalidades e lazes da vida contemporânea?

O nascimento em democracia consagrou na nossa mentalidade valores inegáveis e intocáveis. Não são questionáveis os direitos dos cidadãos, as liberdades públicas, a igualdade perante a lei, o reconhecimento da cidadania, o voto livre e nem a total integração da mulher na vida quotidiana. Relembre-se que para algumas pessoas levou-lhes a vida toda para serem portuguesas, sendo apenas necessária a Revolução dos Cravos, o 25 de Abril...

Comprar casa? Como? — A crise habitacional entre os jovens em Portugal

Autoria: Nicole Barros
Edição: Rita Costa

Em Portugal, ter casa própria tornou-se um objetivo cada vez mais distante, especialmente para os mais jovens. A crise habitacional é um dos temas centrais nos debates atuais, devido às suas consequências profundas na sociedade portuguesa.

Segundo uma reportagem da SIC Notícias, o preço das casas quase que triplicou entre 2015 e 2025. O preço elevado da habitação deixa muitos jovens de mãos atadas, contribuindo para o aumento da idade em que saem de casa dos pais.

A conjugação dos baixos salários com a especulação imobiliária, bem como a escassez de habitação disponível, torna cada vez mais difícil — senão mesmo impossível — a compra e, em muitos casos, até o arrendamento de uma casa.

As grandes cidades, como Lisboa e Porto, continuam a ser destinos de eleição no que toca à procura de melhores oportunidades de vida. No entanto, é nessas mesmas áreas que os preços são mais elevados, em grande parte devido ao crescimento do turismo e ao investimento estrangeiro, fatores que impulsionam o aumento do alojamento local. Consequentemente, verifica-se uma redução da oferta de casas disponíveis para venda e arrendamento. Para além disso, a construção de habitação não tem acompanhado as necessidades da população, o que agrava significativamente o desequilíbrio entre a oferta e a procura.

Os jovens enfrentam, assim, dificuldades crescentes em alcançar a independência financeira e habitacional. Para muitos, encontrar casa tornou-se um verdadeiro “cabo das tormentas”, uma vez que os custos de vida continuam a aumentar, tornando praticamente impossível suportar uma habitação própria. Perante

esta realidade, muitos acabam por procurar opções mais baratas, embora nem sempre adequadas: dividir quarto com outras pessoas ou continuar a viver com os pais, por exemplo.

Paralelamente, as manifestações têm-se multiplicado por todo o país. Pessoas de diferentes idades têm saído à rua para exigir mudanças concretas e soluções eficazes para a crise habitacional — soluções essas que ainda não chegaram e também não se veem num futuro próximo. Tudo isto deixa de ser apenas uma questão económica. Esta afirma-se cada vez mais como um problema social, que retira esperança aos jovens, diminui a qualidade de vida e afeta o futuro de várias gerações. Sem medidas eficazes que garantam o equilíbrio do mercado, o direito básico a uma habitação digna e acessível continuará por cumprir. Estamos, assim, perante uma verdadeira urgência social que exige ação imediata. Caso contrário, as consequências poderão comprometer seriamente o futuro do país e dos seus jovens.



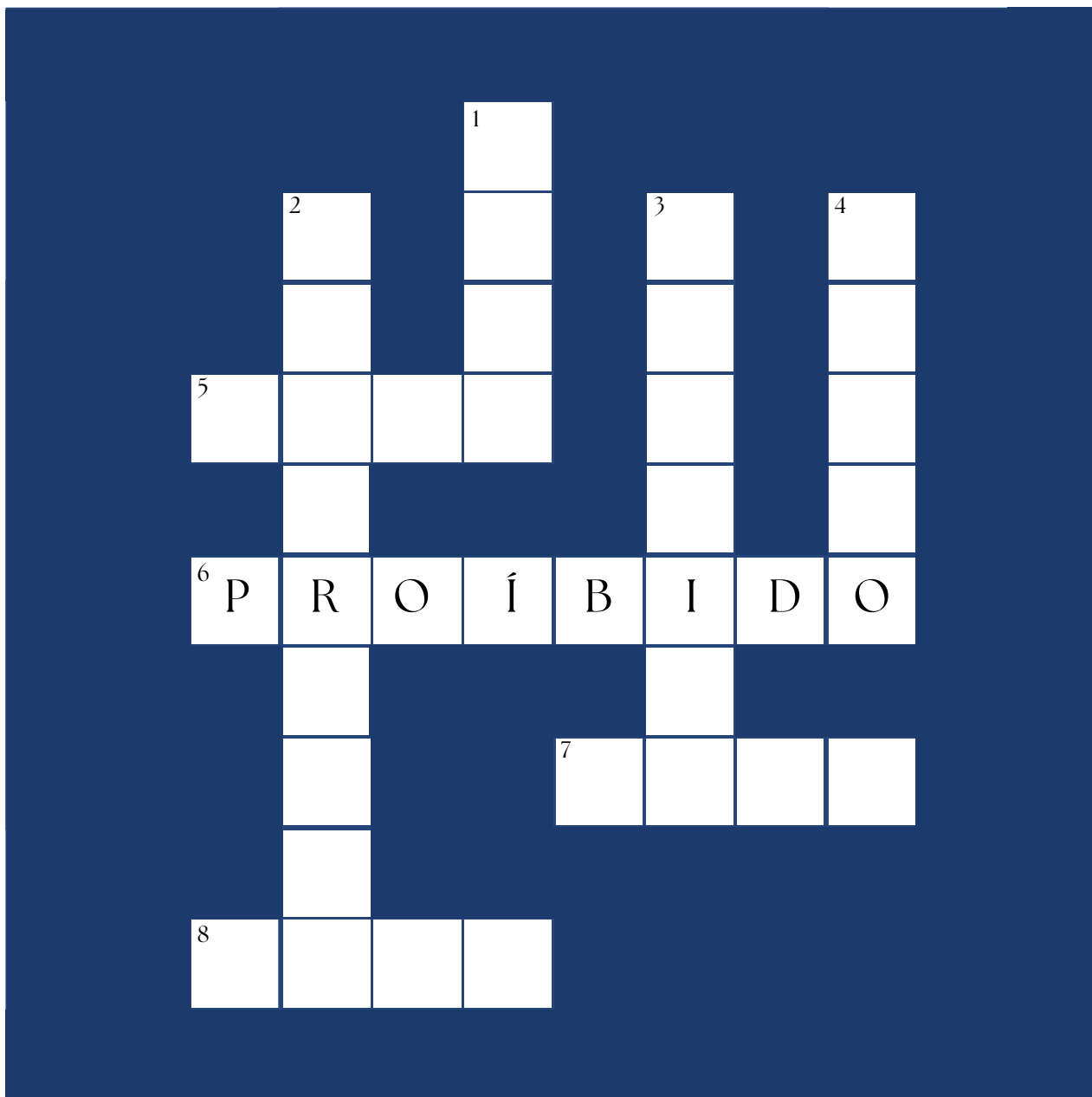
FESTA VIOLETA



07.05.2026



CRUZADEX D'O COLA



CASA

GUERREIRA

PERDIDO

TEJO

COLA

NOVO

PROÍBIDO

TORTO

SUDOKU

Nível Fácil

		4		7		5		
		2	4			8	7	
5	7		3	6		4		1
		1			7			9
	9	6		5	3	7		
	2	3		8			1	5
6		7		9	1			
2	4		7	3				
1		5		4			3	7

Nível Fácil

Soluções

4	3	2	1	6	9	7	8	5
1	8	9	3	5	7	4	2	6
5	6	7	2	4	8	3	1	9
2	1	5	9	7	3	8	6	4
9	7	6	4	8	2	1	5	3
8	4	3	5	1	6	2	9	7
6	9	1	7	2	4	5	3	8
3	2	4	8	9	5	6	7	1
7	5	8	6	3	1	9	4	2
1	8	5	2	4	6	9	3	7
2	4	9	7	3	8	1	5	6
6	3	7	5	9	1	2	4	8
7	2	3	9	8	4	6	1	5
8	9	6	1	5	3	7	2	4
4	5	1	6	2	7	3	8	9
5	7	8	3	6	2	4	9	1
9	6	2	4	1	5	8	7	3
3	1	4	8	7	9	5	6	2

7		8	6	3	1	9		4
		4						
	9		7	2				8
8		2				2		7
9	7				2		5	3
			9	7			6	4
5		7	2		8			
			3	5	7		2	
	3		1		9	7	8	5

SOPA DE LETRAS



ABRIL

EDIFÍCIO

LISBOA

RETRATO

COLA

ESTUDO

MARULHO

SENTIDO

CRISE

LENHADORA

PELE

SONHO

DONZELA

LER

POETA

TORNADO

SEGUE O COLA NAS REDES SOCIAIS

Acompanha o teu jornal nas redes sociais para estares a par das nossas atividades! Estamos no *Instagram*, *X*, *TikTok* e *Facebook*.



ACOMPANHA O NOSSO SITE

Gostavas de aceder às nossas publicações semanais e edições em formato digital? Acede ao nosso *site* através no *linktree* no nosso *Instagram* ou em www.jornalocola.com

PARTICIPA NAS PRÓXIMAS EDIÇÕES

O jornal *O Cola* é um projeto de Letras para Letras. Neste sentido, temos todo o gosto em que faças parte dele! Se queres ver os teus artigos publicados ou ilustrar a próxima edição, lê os nossos Termos de Submissão (disponíveis no nosso *site*) e envia para jornalocola@gmail.com

O Jornal O COLA é um projeto de Letras para Letras.

Estamos sempre a aceitar os teus textos, poemas, ensaios, críticas, histórias (flash fiction, histórias curtas,...), reportagens, ilustrações, fotografias, entradas de diário, entre outros!



Acompanha-nos

